

A IMAGEM COMO CONCEPÇÃO DE MUNDO

Guilherme Ribeiro*

Resenha de: *L'invention des continents. Comment l'Europe a découpé le monde*, de Christian Grataloup. Paris: Larousse, 224 pp., 2009.

A geografia possui uma forma bastante explícita de fazer política: a *geopolítica*. Para nós, a geografia universitária, sobretudo aquela oriunda das reflexões de Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de la Blache (1845-1918), *já nasce geopolítica*,¹ uma vez que ambos estão edificando um discurso “científico” consagrado ao desenvolvimento e à expansão de seus respectivos Impérios e Estados Nacionais Territoriais.²

De todo modo, existe um domínio mais sutil no qual a geografia interveio vigorosamente e cuja força política é inegável. Referimo-nos à construção de *imagens de mundo*. A geografia é um campo de conhecimento profundamente imagético e, por

* Doutor em Geografia pela UFF, com doutorado-sanduiche pela Universidade de Paris – Sorbonne (Paris IV). Pós-Doutor em Geografia pela UFMG. Professor Adjunto do Departamento de Geociências da UFRRJ. Coordenador do Laboratório de Política, Epistemologia e História da Geografia (LAPEHGE/UFRRJ). Resenha inscrita no âmbito do projeto de pesquisa *Epistemologia e Política: uma releitura da geografia vidaliana para o século XXI*, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

¹ Embora Claude Raffestin, Dario Lopreno e Yvan Pasteur insistam no fato de que Ratzel não deva ser considerado um geopolítico argumentando que o termo só foi forjado por Kjellen em 1916 e, de modo geral, a literatura ao redor de Vidal de la Blache tenha ignorado seus textos sobre a conflituosa formação territorial francesa na Europa e sobre o colonialismo (ver, respectivamente, RAFFESTIN, LOPRENO & PASTEUR, 1990; RIBEIRO, 2010, 2010a).

² A despeito dos termos utilizados, concordamos inteiramente com a tese de Craig Calhoun de que é um erro opor *nação* e *império* como se ambos fossem incompatíveis. Segundo ele, “o equívoco mais grave consistiu no endosso de duzentos anos de discurso europeu no qual as discussões sobre cidadania e identidade nacional foram formuladas através de um contraste com os impérios nefastos de terceiros, sem que houvesse grande perturbação no fato de os Estados Nacionais emergentes serem eles próprios potências imperiais. Até mesmo a França, em suas fases mais republicanas, também era um império. Basta pensar na repressão à revolução no Haiti ou registrar que, embora a França republicana implantasse no Egito instituições simbolicamente republicanas, ainda assim ela era um país conquistador” (CALHOUN, 2008:45).

esta razão, projetamos com facilidade as fronteiras dos Estados-Nações e os contornos dos continentes. Na segunda metade do século XX, para nosso pesar, as vertentes neopositivista e marxista trilharam um caminho que afastou a geografia das artes, da descrição das paisagens, do esmero com a narrativa e da interlocução com a história. O resultado não foi outro senão o empobrecimento do campo. Perdemos de vista a tradição simbólica, cultural e cosmográfica que caracterizou a geografia e fez dela elemento nuclear na elaboração do que atualmente conhecemos como mundo moderno. Não por acaso a marginalização da geografia cultural ou, pelo menos, sua desconfiança por boa parte dos geógrafos.

Escrito pelo geohistoriador Christian Grataloup, *L'inventions des continents. Comment l'Europe a découpé le monde* [A invenção dos continentes. Como a Europa recortou o mundo] interroga a conjuntura acima — nas entrelinhas — e resgata um rico e atual legado geográfico. Lançando mão de toda sorte de fontes documentais — pinturas, esculturas, fotografias, globos, gravuras rupestres, vasos gregos, mosaicos romanos, imagens digitais e, claro, cartas — em uma edição primorosamente ilustrada da primeira à última página, o livro é dividido em seis capítulos: 1. *Os continentes também têm uma história*; 2. *Os pais fundadores*; 3. *Nos quatro cantos do mundo*; 4. *Possuir o mundo*; 5. *Atlântida e Antípoda*; 6. *Nós e os outros*. Uma conclusão e um anexo composto por um atlas completam a obra.

Investindo no processo histórico como chave para a desmistificação de narrativas políticas que lançaram mão da geografia em suas tentativas de naturalização da vida social, ele examina como a construção do eurocentrismo passou, necessariamente, por uma determinada caracterização dos continentes. No entanto, a base “sólida” dos mesmos atuava no sentido de mascarar seu conteúdo geopolítico. Recuperando criticamente a cosmologia cristã e indicando o quanto ela foi questionada à luz das descobertas do “Novo Mundo” e do Oceano Pacífico (p. 69), Grataloup aponta como a genealogia dos continentes está intimamente associada a uma concepção de mundo repleta de preconceitos raciais e hierarquias entre povos e grupos humanos. Segundo ele, a fragmentação da superfície terrestre revela o quão difícil é pensar em uma unidade da humanidade (p. 55).

Como não poderia deixar de ser, a cartografia possui lugar de destaque, na medida em que a incorporação da América e da Oceania se impôs como essencial na elaboração de uma nova imagem de mundo. De Ortelius a Mercator, isto é, do antigo “Teatro do Mundo”, cujos mapas vinham acompanhados de outras representações pictóricas, ao moderno “Atlas”³, pleno de *conhecimentos racionais* e confeccionados para fins comerciais — sem esquecer do planisfério de Waldseemüller em 1507, onde consta a primeira aparição do termo América (p. 58-60) —, a grade de localização do mundo foi sendo sensivelmente alterada de modo a fazer da Europa, termo muito pouco usado na Idade Média⁴ (p. 91), o centro do mundo. De qualquer maneira, Grataloup identifica um paradoxo pois, a despeito do conteúdo moderno aportado pelos mapas pós-Mercator, o aspecto da teologia medieval referente ao fato de que os três filhos de Noé representariam os três continentes (África, Ásia e África) e suas respectivas raças (negra, amarela e branca) permaneceu (p. 69). Em seguida, criar-se-ia a raça *vermelha* para identificar a América. Visando mostrar a “diversidade da espécie humana” (p.85), a classificação dos povos em quatro raças⁵ e sua adoção pela geografia escolar não foram esquecidas pelo autor (p. 85).

Mapas sempre foram estratégicos. Geógrafos faziam mapas para reis. Eles são instrumento de controle, de poder, de política, de domínio marítimo e territorial. Inútil dizer: são *visões de mundo*. Nesse sentido, para a cartografia e para a geografia — uma vez que a separação entre tais campos é muito recente, datando do século XIX —, a relevância de Gerhard Mercator (1512-1594) é inquestionável. Por alguma razão, o autor de *L’invention des continents* não deu a devida importância a ele. Uma vez que Grataloup articula a cartografia e a localização modernas à cosmologia cristã, poderia

³ Vocábulo utilizado pela primeira vez por Mercator no século XVII para definir uma coleção de cartas (p. 95-96). De fé protestante, Mercator foi suspeito de participação nas doutrinas da Reforma (seu *Atlas* foi parar no Índice de Livros Proibidos) e preso por 7 meses em 1544 pela Inquisição Espanhola, mas solto por falta de provas. Além disso, para ele os mapas não eram apenas um assunto interessante, um passatempo, mas sim objeto de comércio. Juntamente com seus filhos — que posteriormente completariam seu Atlas —, confeccionava e comercializava suas cartas (Mercator quer dizer “mercador”). Mais: sua perícia e engenho levaram-no a fabricar uma série de instrumentos matemáticos para o imperador Carlos V (1500-1558). Informações detalhadas sobre ele podem ser encontradas em OSTROY, 1892-1893.

⁴ De certa maneira, as palavras de Dussel complementam a constatação acima, pois “a Europa latina do século XV [está] sitiada pelo mundo muçulmano [e é] periférica e secundária no extremo ocidental do continente euro-afro-asiático” (DUSSEL, 2005:59 [2000]).

⁵ A respeito do conceito de raça, vide QUIJANO, 2010.

ter sublinhado o papel de Mercator na emancipação do discurso geográfico face ao discurso filosófico-teológico, por exemplo.⁶ Além disso, ele praticamente não abordou a hegemonia geopolítica assumida pelo mapa de Mercator. Por estas razões, vale a pena esboçar algumas palavras a respeito.

Do ponto de vista “técnico-operacional”, por assim dizer, o traço mais inovador foi ter elaborado em 1569 um mapa mundi da Terra (uma esfera achatada nos pólos) em um *plano* cujas retas faziam ângulos constantes com o meridiano. Lançando mão de raciocínios matemáticos — ele estudara matemática na Universidade Católica de Louvain —, Mercator encontra uma solução que seria de muita utilidade na confecção de cartas náuticas pois, ao manter as distâncias angulares, sua projeção garante o rumo a ser seguido. Em uma época em que os europeus se lançavam às Grandes Navegações, sua carta significou a hegemonia de um saber racional, matematizado, geometrizado. A seu modo, ele representa a face cartográfica da conquista do mundo pelos europeus.

A despeito das deformações inscritas em sua projeção conforme e cilíndrica — ao afastar-se da Linha do Equador, as formas e o tamanho das superfícies são bastante distorcidos, fazendo com que a Groenlândia apareça como maior que a América do Sul quando, na verdade, é bem menor —, ela expressava precisão, rigor e método, isto é, traços típicos da ciência e do pensamento modernos. Aos poucos, mapas antigos como os de Ptolomeu — com quem Mercator estabelece um resgate crítico de sua herança, retomando-o para superá-lo — e mapas medievais serão progressivamente substituídos pelo de Mercator, que reúne o que havia de mais avançado em seu tempo. Por essas e outras razões, sua carta é um divisor de águas na história da cartografia e da geografia. Em um palavra, da *representação de mundo*.

No século XX, Mercator seria alvo de fortes críticas por situar a Europa acima e no centro do mundo, dotando-a de um tamanho maior do que o continente realmente possui. Tornada a imagem mais familiar e mais conhecida de um mapa mundi, o fato é que sua carta acabou por veicular uma ideologia de matiz eurocêntrico (a despeito, provavelmente, das intenções do próprio Mercator), uma mirada européia sobre o que seria o mundo. Possui forte conotação política, portanto. A carta de Mercator

⁶ Conforme ARANTES, 2012.

apropriou-se do mundo e, em seu âmago, instaurou a *imagem* da Europa. Ela não deixa de ser a forma como a própria Europa *se projetava* diante do mundo: como soberana. Encarnava os valores europeus e os reproduzia mundo afora enquanto mundiais, universais. Na cartografia e na geografia, a projeção de Mercator é, guardadas as devidas proporções, equivalente à contribuição de Bacon, Descartes e Newton para a história das idéias.

Enfim, o livro de Grataloup ilumina, ao mesmo tempo, o passado e o futuro da geografia. No século XX, a história do pensamento geográfico privilegiou em excesso as “correntes geográficas”, inclinando-se rumo a debates, na maioria das vezes, estéreis. O resultado é que o *campo* relativo ao pensamento geográfico se restringiu. A geografia fechou-se nela mesma de modo irreconhecível! Porém, nas últimas duas décadas, o recorte temporal que sublinhava a geografia institucionalizada na universidade, embora continue sendo importante, vem sofrendo significativas alterações no que tange às fontes, aos métodos e à problematização dos objetos de pesquisa. Além disso, as investigações acerca dos saberes geográficos engendrados *antes* da institucionalização dos anos 1870 fizeram com que seus autores percebam as profundas conexões entre a geografia e a *constituição da modernidade*.⁷ Nesse contexto, *orientação, localização e mapeamento* assumiram papel fundamental.

No que tange ao futuro da geografia, Grataloup nos ensina sobre o poder das representações, das imagens, das formas. Pesarosamente, a geografia enrijeceu sobremaneira sua visão de mundo; muitos geógrafos acreditam firmemente na existência de um mundo exterior ao sujeito; em paisagens físicas apartadas da cultura; em regiões delimitadas segundo critérios factíveis e objetivos; em uma verdade por detrás das aparências que será desvendada pelo cientista... Ao sublinhar o fato de que os continentes, tal como os conhecemos hoje, são construções histórico-culturais eurocêntricas,⁸ Grataloup aproxima a geografia da vanguarda das ciências humanas no

⁷ BESSE, 2003; LESTER, 2012 [2009]; LIVINGSTONE, 1992; GODLEWSKA, 1999; FURTADO, 2012.

⁸ Em seu único artigo disponível em português — até onde nos foi permitido conhecer —, ele afirma que “Se o nível geográfico mundial tivesse sido produzido por outra sociedade que não a Europa, se as grandes descobertas chinesas no início do século XV feitas por Zeng He tivessem prosseguido, todo o pensamento sobre o tempo, mas também sobre o espaço, teriam sido profundamente diferentes” (GRATALOUP, 2006:37 [2003]).

século XXI ao articular, do ponto de vista metodológico, *política, representação, crítica e narrativa*.

De qualquer maneira, uma coisa é certa: nem ao Norte e nem ao Sul existe um mapa neutro. Nenhuma representação de mundo é isenta de valores. Afinal, a imagem — e a geografia, no passado e no presente, não pode deixar de ser um domínio imagético por excelência, elemento este que a conduzirá inevitavelmente a uma progressiva interlocução com a pintura, o cinema e a literatura — já é, por si só, uma concepção de mundo.

Referências bibliográficas

ARANTES, Leonardo. “Entre o ‘Renascimento’ e a ‘Reforma’ da Geografia: o *Atlas, sive cosmographicae meditationes de fabrica mundi et fabricati figura* de Gerhard Mercator”. In: *III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico/ I Encontro Nacional de Geografia Histórica*, Rio de Janeiro, UFRJ, 5 a 10 de novembro, 2012.

BESSE, Jean-Marc. *Les grandeurs de la Terre. Aspects du savoir géographique à la Renaissance*. Lyon : ENS Éditions, 2003.

CALHOUN, Craig. “O nacionalismo importa”. In: PAMPLONA, Marco A., DOYLE, Don H. (orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo. A formação dos Estados-Nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005 [2000].

FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da geografia iluminista. Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D’Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

GODLEWSKA, Anne. *Geography unbound: French geographic science from Cassini to Humboldt*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

GRATALOUP, Christian. *L’invention des continents*. Paris: Larousse, 2009.

_____. Os períodos do espaço. *Geographia* (UFF), ano VIII, n.16, dez., 2006.

LESTER, Toby. *A quarta parte do mundo. A corrida aos confins da Terra e a épica história do mapa que deu nome à América*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012 [2009].

LIVINGSTONE, David. *The geographical tradition. Episodes in the history of a contested enterprise*. Oxford: Blackwell, 1992.

ORTROY, Fernand van. L'oeuvre géographique de Mercator, *Revue des questions scientifiques*, Bruxelles, oct., 1892-1893.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder e classificação social". In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

RAFFESTIN, Claude, LOPRENO, Dario, PASTEUR, Yvan. *Géopolitique et histoire*. Lausanne: Payot, 1995.

RIBEIRO, Guilherme. Território, império e nação: a geopolítica em Paul Vidal de la Blache. *Revista da Anpege*, v. 6, 2010.

_____. "La géographie vidalienne et la géopolitique". In: *Géographie et Cultures*, v. 75, 2010a.